



**O SENSACIONAL, O POPULAR E O POPULISMO
NOS JORNAIS *ÚLTIMA HORA*, *O DIA* E *LUTA DEMOCRÁTICA*,
NO SEGUNDO GOVERNO VARGAS (1951-1954)**

Carla Siqueira

PUC-Rio

A *Última Hora* se definiu, desde o início, como um “*movimento de reivindicação popular e nacional*”. *O Dia* veio às ruas afirmando não ter outro chefe senão o povo. E a *Luta Democrática*, em seu estilo combativo, exibia diariamente o slogan “*Um jornal feito por homens que lutam pelos que não podem lutar*”. *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* tiveram, efetivamente, uma atuação como intermediários entre o povo e o governo. Criados para ampliar o apoio popular em relação a determinados líderes políticos (respectivamente Getúlio Vargas, Ademar de Barros/Chagas Freitas e Tenório Cavalcanti), estes jornais empreenderam grande parte de suas forças fazendo propaganda destas lideranças, é verdade, e também veicularam reivindicações populares, chegando a prestar serviços importantes na intermediação entre cidadãos e autoridades, como no caso das seções de queixas dos leitores e de aconselhamento em relação a questões trabalhistas.

Última Hora, *O Dia* e *Luta Democrática* abriram espaço aos temas, preocupações e aspirações populares fazendo valer a imagem de “defensores do povo”. Esta imagem foi, para estes jornais, o seu patrimônio mais precioso – ainda que não fosse exclusividade deles, pois, com maior ou menor intensidade, outros periódicos também posaram como “advogados” das classes populares. Lapidada dia após dia – através dos serviços efetivamente prestados pelos jornais, mas também por um esforço retórico dos mesmos - a imagem de “defensores do povo” objetivou construir a legitimidade destes meios, bem como a das lideranças às quais estavam ligados.

Manchetes indignadas, denunciando abusos contra a população, eram a marca principal dos jornais populares e sinalizavam cotidianamente sua postura em defesa do povo. A força gráfica das letras garrafais enfatizava a denúncia. Evidentemente, como um recurso possível do jornalismo, as manchetes em tom de denúncia estavam presentes também em

outros jornais. A particularidade, no caso de *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática*, é que o esforço de modelagem da imagem de “defensor do povo” integrava a tarefa maior de construção de um vínculo entre os leitores e determinadas lideranças políticas. Desta forma, os jornais de Samuel Wainer, Chagas Freitas e Tenório Cavalcanti travaram dia a dia uma verdadeira “batalha das manchetes”, onde se empreendia um esforço de afirmação das lideranças às quais estes jornais estavam ligados, o que explicita, para nós, a dimensão da disputa entre as diferentes correntes populistas.

Na intermediação entre o povo e tais lideranças políticas, *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* intentaram construir a imagem popular destes líderes, atribuir-lhes popularidade. Mas toda a construção simbólica em torno do jornal e de seu respectivo líder político como “defensores do povo” não se sustentaria sem a efetiva oferta de “serviços” prestados pelos periódicos aos leitores.

Em seu primeiro número, a *Última Hora* anunciou a instalação de urnas em diferentes pontos da cidade para receber reclamações, denúncias e sugestões dos leitores. As queixas e comentários coletados nas ruas transformaram-se na seção *Fala o povo na UH*. As pequenas notas com as manifestações dos leitores eram publicadas diariamente e vinham acompanhadas de um texto editorial, que, sempre indignado, chamava a atenção para a gravidade das questões ali expostas. Dando continuidade à “defesa do povo”, a *Última Hora* instaurou os “tribunais populares” para julgar os “crimes contra a economia do povo”. Tratava-se de júris simulados sobre casos de preços abusivos cobrados por comerciantes.

Como notou Sônia Bezerra em seu trabalho sobre a *Última Hora*, “o jornal procurava se mostrar não só como uma voz, mas como instrumento efetivo de conquistas sociais”.¹ A *Tendinha de reclamações* da *Última Hora* ia à praça pública ouvir o povo. Em Cosmos, a *Tendinha* acolheu a denúncia: “Desrespeito completo às leis trabalhistas - Na fábrica de jóias de Cosmos, as operárias, apesar de prejudicadas, têm medo até de falar”.² No jornal de Samuel Wainer, as reivindicações e denúncias populares pautaram grandes reportagens e as conquistas sociais renderam manchetes afirmativas quanto à administração de Getúlio.

¹ Sonia Joia Bezerra, O jornal Última Hora nas eleições de 1955 – Um Estado-Maior intelectual, p.22.

² Última Hora, 05/05/53.



Em suas memórias, o jornalista Villas-Bôas Corrêa relembra as orientações do secretário de redação Santa Cruz Lima para a cobertura política em **O Dia**:

“O velho Santa Cruz foi de sinceridade sem rodeios: jornal para o povo não podia desperdiçar espaço com as tricas e futricas de ministros, senadores, deputados, partidos e outras frioleiras. Focagem que não atraía um único leitor.”³

A orientação dada por Santa Cruz Lima a Villas-Bôas Corrêa levou o repórter a organizar os *Comandos Parlamentares* de **O Dia** e **A Notícia**, um modelo de reportagem política que marcou a forma de atuação destes jornais e tornou-se famoso na década de 1950. Seguindo o formato da reportagem policial, o repórter convidava um parlamentar ou outra autoridade para uma visita surpresa a algum órgão público, sobre o qual pairava alguma suspeita de irregularidade, ou localidade com problemas de responsabilidade do poder público. Foi esta a maneira encontrada para se adequar a reportagem política à linha popular do jornal.⁴

Qual era então a fórmula do jornal popular? Segundo Villas-Bôas Corrêa, a receita de **O Dia** para atrair leitores resumia-se a três palavras “cadáver, macumba e sexo”. “*O que vendia jornal ao povo era a manchete e a primeira página, o resto não tinha a menor importância*”, completa o jornalista. Esta era a concepção de Santa Cruz Lima, “*o gênio do jornal popular*”, que em 1954 mudou-se para a **Luta Democrática**.⁵ A retrospectiva histórica de **O Dia** feita pelo jornalista Cícero Sandroni, nos cinquenta anos do matutino, define:

*“O estilo de **O Dia** era o mesmo de **A Notícia**, com manchetes marcadas pelo impacto extraído do conteúdo dramático da notícia, ressaltando o sensacionalismo dos fatos, com tipos enormes, conhecidos como zircos, (...) para compor os títulos que se destacavam na primeira página, anunciando escândalos, crimes e desastres. Mancheteiros especialistas em jornalismo popular, daqueles que muitas vezes inventavam o título e depois iam perguntar ao repórter o que acontecera,*

³ Villas-Bôas Corrêa, *Conversa com a memória*, p.32. Grifo meu.

⁴ Carlos Eduardo Sarmiento Chagas Freitas, pp.38-41.

Cícero Sandroni, *50 anos de O Dia na história do Rio de Janeiro*, pp.33-34.

⁵ Villas-Bôas Corrêa, op.cit., p.32.

Cícero Sandroni, op.cit.,p.21.



*empenhavam-se na tarefa de atrair o leitor com o mínimo de palavras, na exploração do duplo sentido, do humor macabro, da metáfora brega ou até de ironia grosseira”.*⁶

Mais tarde, ***O Dia*** ficaria marcado como o “jornal que espreme e sai sangue”. Mas em sua fase inicial, além de “cadáver, macumba e sexo”, sua pauta popular foi fortemente marcada pelas reivindicações populares, que abriam espaço à atuação do jornal como “defensor do povo”. Em ***O Dia***, ***Última Hora*** e ***Luta Democrática***, a fórmula “sexo, crime e sindicato” pavimentaria o caminho para que lideranças populistas estabelecessem um diálogo com seu possível eleitorado.

A expressão “sexo, crime e sindicato”⁷, que usamos para definir os jornais em questão, tenta indicar que sua fórmula manteve elementos tradicionais da imprensa sensacionalista, ao mesmo tempo em que incorporou temas contemporâneos. Assim, ao lado dos típicos acontecimentos *sensacionais* (evidentes em manchetes como “*Crime de morte no Mangue*”, ***Luta Democrática***, 07/08/54; “*Seduzida a menor pelo patrão*”, ***O Dia***, 05/05/54; “*O diabo carregou o padre*”, ***Última Hora***, 02/05/53), surgiam questões como o salário mínimo, as greves, as condições de vida nos subúrbios e favelas e o custo de vida.

Mas também esses temas eram tratados dentro da narrativa sensacionalista, marcada pelo forte tom moral. E a eficácia desses veículos em sua comunicação com as massas parece estar relacionada ao recurso a elementos da cultura popular. Tanto em sua forma como em seu conteúdo, a imprensa sensacionalista trabalhava com elementos da cultura do público que as lideranças populistas desejavam atingir. Neste sentido, os jornais sensacionalistas ligados a lideranças populistas na década de 1950 constituíram um lugar de interseção entre cultura popular, cultura de massa e cultura política.

Segundo Jesús Martín Barbero, o sensacionalismo, produto bem-sucedido na era da indústria cultural, tem suas raízes na cultura popular e nas transformações sofridas por esta na conformação da sociedade de massas, o que implica, na América Latina, a experiência política do populismo.⁸ Barbero cita o estudo de Osvaldo Sunkel sobre o jornalismo sensacionalista no Chile, onde o autor busca os antecedentes narrativos desse estilo

⁶ Cícero Sandroni, op.cit.,p.21.

⁷ Tomamos a expressão emprestada de Gisela Goldenstein, em seu livro Do jornalismo político à indústria cultural.

⁸ Jesús Martín Barbero, Dos meios às mediações.

jornalístico e situa a fórmula de sua permanência na interseção entre cultura popular, cultura de massas e cultura política.

A presença de versos populares nos jornais sensacionalistas da década de 1950 reforça a visão dos vínculos deste tipo de imprensa com a cultura popular. A publicação de versos ao estilo da literatura de cordel em *O Dia* e na *Luta Democrática* aponta para um esforço de identificação com os grupos populares, onde tais versos não só serviram como um atrativo simpático, divertido ou curioso, mas como um elemento de tradução ou recodificação de informações para este público. Vale então lembrar que boa parte das massas populares então residentes no Rio de Janeiro eram provenientes da migração nordestina e que a literatura de cordel é depositária das crenças e valores do nordestino pobre e humilde.

Nascido em Alagoas, Tenório Cavalcanti foi ele mesmo um desses migrantes. Os versos de Zé Alagoano publicados pela *Luta Democrática* ofereciam ao leitor a reconstituição de sua trajetória, do sertão nordestino à capital do País. A publicação teve início em 6 de fevereiro de 1954, na página 3, junto ao editorial *Assim pensamos* e às notícias políticas. Chamou-se primeiramente “*Venci de revólver em punho*”. Mas já no dia seguinte os versos apareceram com seu título definitivo, “*Vida, paixão e drama do deputado Tenório*”, e situados na contracapa (espaço nobre das reportagens sobre os problemas enfrentados pelas classes populares), onde passaria a ser contada diariamente a saga do “*bravo sertanejo*”. Com desenhos de Arno Voigt, tinha o formato das histórias em quadrinhos. Em capítulos, a vida “heróica” de Tenório era o folhetim da *Luta Democrática* e chegou a ter chamada na primeira página.

Em seu estudo sobre a literatura de cordel, Mark Curran destaca que “*os eventos principais, os que despertam mais o interesse do público pelo cordel, são aqueles que envolvem figuras políticas importantes e os que interferem no percurso da história brasileira, tal como ela é percebida pelo povo*”.⁹ Os versos de Zé Alagoano preenchiam os requisitos da narrativa cordeliana: a história do famoso deputado udenista tinha elementos religiosos (“*recebeu a proteção da Divina Providência*”) e mesmo místicos (um “feiticeiro” lança uma profecia sobre Tenório quando de seu nascimento) e apresentava um líder popular que venceu a miséria nordestina e terríveis inimigos. Os versos sobre Tenório enquadravam-se, ainda, na

⁹ Mark Curran, *História do Brasil em cordel*, p.29.



base moral da cosmovisão cordeliana, tal como descrita pelo estudioso Luís da Câmara Cascudo:

*“O folclore, santificando sempre os humildes, premiando os justos, os bons, os insultados, castigando inexoravelmente o orgulho, a soberbia, a riqueza inútil, desvendando a calúnia, a mentira, empresta às suas personagens a finalidade de apólogos que passam para o fabulário como termos de comparação e referência.”*¹⁰

Nas páginas da *Luta Democrática*, a apresentação dos versos populares no formato das histórias em quadrinhos e em capítulos, tal como um folhetim, aponta para interseção entre cultura popular e cultura de massas que se efetua naquele jornal. O objetivo político de construção da imagem mitológica de Tenório Cavalcanti como líder popular, por sua vez, revela o encontro dos elementos populares e massivos com uma determinada cultura política.¹¹ No caso, a mensagem populista que deposita na figura heróica do líder a solução dos problemas da coletividade.

Em *O Dia*, também foi comum a publicação de versinhos de feitiço popular. Serviam como comentário sobre determinadas notícias, à moda dos repentistas que improvisam sobre um tema, com humor, e representavam uma forma de expressão das opiniões do jornal. Publicados sempre na primeira página, tinham o título de *Desabafo* e traziam o desenho de um cantador popular com sua viola:

*“ ‘Libertai o presidente!’
pede o Danton em discurso;
diz o povo descontente:
- Livrai-o do ‘amigo urso’.”*¹²

Na *Luta Democrática*, sob o título *Cantando e rindo*, eram publicados versos similares, também acompanhados da imagem do violeiro. Publicados na primeira página ou na contracapa, os versinhos serviam à batalha do udenista Tenório Cavalcanti contra Vargas:

¹⁰ Citado em Mark Curran, op.cit., pp.29-31.

¹¹ O estudo de Mark Curran nos mostra que este encontro ocorreu também na própria literatura de cordel, cuja cosmovisão foi afetada pela retórica política de Getúlio Vargas em sua segunda fase e pelas mudanças decorrentes da modernização do País a partir da década de 1950. Ver em Mark Curran, op.cit., p.18.

¹² *Desabafo*, O Dia, 14/06/51, p.1.

“O novo salário mínimo, de cujas conseqüências os próprios beneficiados estão com medo, foi recebido como puro ato pré-eleitoral.

Não adianta o velhinho

Querer voltar ao cartaz...

Se o salário veio agora,

*Eleição vem logo mais...”*¹³

A observação dos jornais *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* durante os primeiros anos da década de 1950, quando a modernização da imprensa começava lentamente a se operar, revela – no momento da passagem da imprensa de um perfil marcadamente político para outro mais empresarial – as fórmulas encontradas por um jornalismo que precisava, por razões políticas, ser popular nas duas acepções da palavra: como elemento identificado com o povo e como produto de largo consumo.

Os vários trabalhos que tratam da contribuição da *Última Hora* para o processo de modernização da imprensa brasileira destacam uma série de inovações introduzidas pelo jornal, no aspecto empresarial, como novas formas de administração, distribuição e promoção.¹⁴ A *Última Hora* criou um inédito departamento de promoções, que através de sorteios de brindes, concursos e campanhas publicitárias em *out-doors* – iniciativas também pioneiras – procurava estimular sua circulação. *O Dia* seguiu o exemplo da *Última Hora*, investindo fortemente em prêmios. Recortando cupons publicados no jornal, os leitores podiam ganhar desde eletrodomésticos até um terreno em Bangu. A grande circulação alcançada por *O Dia* também resultou do fato estratégico de ser sempre o primeiro matutino a chegar às bancas, geralmente antes da meia-noite.

Última Hora, *O Dia* e *Luta Democrática* nasceram quando a indústria cultural apenas esboçava seu surgimento no Brasil. Se por um lado o rádio vivia seu apogeu como o veículo das massas, a televisão ainda engatinhava, empurrada pelo espírito empreendedor e delirante de Assis Chateaubriand. Reivindicações trabalhistas, denúncias sociais e manchetes sensacionalistas construíram o vínculo da *Última Hora*, d’*O Dia* e da *Luta Democrática* com as classes populares. Promoções, folhetins, histórias em quadrinhos, fofocas do rádio, a

¹³ *Cantando e rindo*, *Luta Democrática*, 04/05/54, p.1.

¹⁴ Ver, por exemplo, o trabalho de Ana Paula Goulart Ribeiro citado na bibliografia.



cobertura esportiva e a apropriação de temas (como a religiosidade) e mesmo da linguagem popular consolidaram este laço.

Na *Última Hora*, n' *O Dia* e na *Luta Democrática*, os elementos tradicionais do jornalismo popular foram potencializados (em graus diferentes em cada um dos três) pelos recursos dos veículos de massa. Como jornais de identificação com o povo e significativa penetração, eles constituíram – ao longo do segundo governo Vargas – elementos valiosos para a disseminação de um discurso político de feição populista.

A análise dos jornais *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* durante o início da década de 1950 revela como o sensacionalismo foi um elemento central na aproximação destes jornais com as classes populares. Além da atrativa oferta de “sexo, crime e macumba”, o sensacionalismo acentuou o papel de “defensores do povo” encarnado pelos três, fazendo com que ocupassem um importante lugar de intermediação num contexto tensionado pelos problemas e demandas das massas populares.

Vale aqui fazer uma ressalva quanto ao caso da *Última Hora*. Talhada para dialogar com um público policlassista, o jornal getulista restringiu o apelo ao sensacionalismo a determinados espaços. Tal cuidado garantiu que o jornal não tivesse a feição “espreme e sai sangue” que caracterizaria *O Dia* e a *Luta Democrática*. Samuel Wainer confessou ter repugnância por fatos policiais. Mas o jornalista teve de sucumbir ao potencial comercial das manchetes sobre crimes.¹⁵ De fato, observando as primeiras páginas da *Última Hora* no período, vemos que o recurso ao sensacionalismo esteve mais associado à atuação do vespertino como “defensor do povo”.

Na *Última Hora*, a denúncia das mazelas vividas pelos trabalhadores foi, no entanto, sempre atenuada pela afirmação do empenho do presidente Vargas e do próprio jornal na solução dos problemas. Em *O Dia*, por sua vez, a carga dramática do sensacionalismo foi usada em toda a sua potência na afirmação de uma atualidade concebida como trágica. Já em seus primeiros dias de circulação, as manchetes das primeiras páginas – com a tradicional marca gráfica das letras garrafais – deixariam clara a postura do matutino:

¹⁵ Samuel Wainer, *Minha razão de viver*, pp.149-150.



“RONCANDO DE OLHOS ABERTOS – A tragédia de um povo que só tem existido para sofrer e pagar impostos – **Uma luta que se inicia para reintegrar as classes populares na posse ampla da sua consciência e das regalias que lhes são devidas.**”¹⁶

Na *Luta Democrática*, assim como em *O Dia* e na *Última Hora*, os recursos do sensacionalismo eram empregados na formação de consensos sobre a realidade política. Num quadro de disputa entre diferentes práticas populistas, os três veículos tinham o objetivo imediato de garantir seu eleitorado. Independente da concretização de tal meta, estes jornais contribuíram para a composição do entendimento político do público leitor. Ligados a lideranças políticas, participaram da interpelação populista às massas, veiculando os temas que marcaram o processo de sua inclusão à cena política. Neste quadro, em seu estilo e conteúdo, a imprensa sensacionalista exerceu uma dada pedagogia política, participando da construção da noção que os leitores tinham da sua cidadania.

E o jornalismo popular encarnado por *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática*, a despeito do seu empenho na defesa das classes populares, construiu diferentes representações do povo. Em sua diversidade, tais imagens revelam as contradições sociais vividas naquele momento e expressam uma cultura política que atribuíva valores ambíguos ao “povo”, ora colocando-o na marginalidade, ora “salvando-o” dela. Revelam, assim, as dificuldades da inclusão política de grupos que estavam socialmente à margem.

Em um jornal de grande apelo sensacionalista como a *Luta Democrática*, por exemplo, as representações arquetípicas características daquele tipo de jornalismo ora dignificavam a imagem do povo, ora o transformavam em uma caricatura. A apropriação de elementos da cultura popular feita pelo noticiário revela isso. Se por um lado a valorização das práticas religiosas populares, como a umbanda, tentaram instituir um vínculo de identificação entre o jornal e seu público através da criação de colunas específicas e reportagens; por outro, as referências aos seus praticantes no noticiário policial revelou representações preconceituosas, caricatas. Como na matéria “*A macumba terminou no distrito*”, da *Luta Democrática*:

“Bizarramente pintadas, ostentando as marcas indizíveis do atraso em que vivem, cinco mulheres, entre elas três menores, sujeitavam-se às ordens estapafúrdias de Antonieta

¹⁶ O Dia, 05/06/51, p.1.

Nascimento, chefe do 'terreiro' (...) em Cordovil, onde as mesmas cumpriam as últimas obrigações para serem consideradas 'babalaô orixá'. (...) Fitas de várias cores, pulseiras de metal inferior completavam a paramenta estranha tornando as candidatas ao título de 'babalaô orixá' em macabras figuras. (...) A ação policial prendeu-se unicamente ao fato da presença de menores na cerimônia e devido aos macumbeiros não respeitarem o sossego da vizinhança."¹⁷

No relato das manifestações espontâneas das classes populares, é perceptível, nestes jornais, a convivência entre representações de racionalidade e de irracionalidade. Além disso, a retórica populista presente nos jornais *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* articulou permanentemente a tensão entre imagens de harmonia e de conflito social. A afirmação do povo pacato contrapunha-se a possibilidade de irrupção da violência pela ação de elementos extremistas ou como resultado da insensibilidade da classe política. A imagem do conflito, por sua vez, contrapunha-se o papel central do líder político como conciliador. Fiel à necessidade de falar a um público amplo e policlassista, o discurso populista administrava os limites, as fronteiras, tentando articular simultaneamente o reconhecimento e o controle da força popular.

Tal como entendemos, os jornais conformam uma comunidade argumentativa. Vistos como atos de fala ou *performances*, os diferentes textos jornalísticos em questão compoem um contexto discursivo. A visão desta intertextualidade revela um universo de temas, convenções e consensos norteadores do entendimento que os leitores têm do momento em que vivem. Criados para dar apoio e visibilidade às práticas políticas de lideranças populistas, a *Última Hora*, *O Dia* e a *Luta Democrática* articularam, cotidianamente, os elementos daquele discurso, recorrendo a um conjunto de imagens retóricas.

A atuação destes jornais, no entanto, não deve ser vista de forma puramente instrumental, onde as idéias são usadas no sentido de legitimar as ações. Demarcando a função normativa da linguagem (as palavras não apenas descrevem, mas ao descreverem também valoram as ações), Quentin Skinner¹⁸ argumenta que o problema de um agente que deseja legitimar sua ação não deve ser percebido apenas como a questão instrumental de

¹⁷ Luta Democrática, 10/02/54, p.5.

¹⁸ Quentin Skinner, "Meaning and understanding in the history of ideas", em James Tully (ed.), Meaning and context - Quentin Skinner and his critics.



adequar sua linguagem normativa no sentido de servir aos seus projetos, mas também como a questão de talhar seus projetos dentro da linguagem normativa disponível.

Desta forma, a recuperação dos termos do vocabulário disponível ao agente para a descrição de seu comportamento político indica também os limites deste comportamento. O contextualismo linguístico de Skinner aparece como o caminho para a observação não só dos argumentos apresentados por determinado texto, mas também das questões às quais este texto tenta responder, e até onde ele está aceitando e reforçando, ou atacando e mesmo ignorando, os pressupostos e as convenções que regem o debate político. No contexto do segundo governo Vargas, a retórica populista, compartilhada por diferentes lideranças carismáticas (Ademar de Barros, Tenório Cavalcanti, Jânio Quadros e o próprio Getúlio) tentou responder ao impasse entre as transformações econômicas, a mobilização social e a manutenção da ordem democrática.

A imprensa (e os modernos meios de comunicação de massa) são atores e instituições de peso estratégico para a definição dos conteúdos e expectativas que definem o exercício da cidadania e suas repercussões políticas.¹⁹ No contexto do segundo governo Vargas, em meio ao processo de incorporação das massas populares à vida política, a linguagem populista disseminada através dos jornais *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática* expressou uma forma de relação política, que, por sua vez, definia certas características para o exercício da cidadania. A historicização das *performances* jornalísticas revela, ainda, tais textos como tensão, onde os idiomas políticos (e as propostas que eles carregam) são confrontados com as suas próprias contradições, impostas pela realidade.

O presente trabalho baseia-se na afirmativa de que a experiência da linguagem tem uma dimensão central no entendimento da ação política. Baseia-se, ainda, na consolidação do papel da imprensa não só como relevante na conformação de idéias, mas também na importância desse seu lugar enquanto revelador da tessitura complexa do pensamento coletivo. Mais do que nos lugares onde o pensamento aparece formalizado, no discurso jornalístico afloram a emoção, a imaginação, o preconceito, os postulados implícitos, as representações coletivas e as categorias cognitivas.

¹⁹ Fernando Lattman-Weltman, *Cidadania e razão na imprensa escrita: retórica e prática excludente em períodos democráticos (Os anos 50 e 90)*, p.1.



A dispersão que caracteriza o discurso jornalístico favorece a visão de uma realidade contraditória, porque múltipla. Compreendendo a história das idéias como a história da experiência dos homens no uso das idéias, concebemos a imprensa como lugar da *aventura interpretativa* dos indivíduos sobre seu próprio tempo. A historicização dos atos de fala realizados através dos jornais desvela não só as intenções fundadoras do discurso e seus significados, mas também os efeitos imprevistos da realidade, que abrem fissuras na ordem que os textos tentam construir.

Carla Siqueira – jornalista, doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio e professora dos departamentos de Comunicação Social da PUC-Rio e da Universo.



BIBLIOGRAFIA

- BARBERO, Jesús Martin. Dos meios às mediações - comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- CORRÊA, Villas-Bôas. Conversa com a memória. Rio de Janeiro, Objetiva, 2002.
- CURRAN, Mark. História do Brasil em cordel. São Paulo, Edusp, 2001.
- GOLDENSTEIN, Gisela. Do jornalismo político à indústria cultural, São Paulo, Editora Summus, 1987.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Cidadania e razão na imprensa escrita: retórica e prática excludente em períodos democráticos (os anos 50 e 90). Rio de Janeiro, CPDOC/FGV (CPDOC- 1555f), 1997.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2000 (tese de doutorado).
- SANDRONI, Cícero. Cinquenta anos de O Dia na história do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, O Dia, 2001.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. Chagas Freitas. Rio de Janeiro, FGV/ALERJ, 1999.
- SKINNER, Quentin. "Meaning and understanding in the history of ideas" in TULLY, James (ed.), Meaning and context - Quentin Skinner and his critics. Princeton, Princeton University Press, 1988.
- WAINER, Samuel. Minha razão de viver: memórias de um repórter. Rio de Janeiro, Record, 1988.